

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 103-110, julho-dezembro 2017

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2017.2.28352>

PLURALISMOS

Uma Teologia de fronteira: desafios do pluralismo cultural e religioso em uma sociedade dita Pós-moderna

A frontier Theology: challenges of cultural and religious pluralism in a so-called Postmodern society

Raphael Colvara Pinto*

RESUMO

O Pluralismo religioso é, sem dúvida, uma das características marcantes do chamado período dito Pós-Moderno. Os processos de globalização e a crescente migração colocam povos e culturas, convivendo em espaços cada vez mais próximos, suscitando questões acaloradas e controversas. Contudo, cresce a consciência e a legitimidade a respeito de um pluralismo cultural e religioso, que tome em consideração as diferentes expressões do fenômeno humano, não como estigma mas, em vista de uma “diversidade reconciliada”. Tem-se como hipótese que é possível propor uma Teologia inter-religiosa, capaz de propor uma atitude de reciprocidade entre distintas tradições religiosas. Para tanto, tomar-se-á como horizonte hermenêutico o conceito de “fronteira”, como espaço de encontro e interlocução, tendo como aporte teórico as contribuições do Papa Francisco, de Faustino Teixeira e de Peter Phan.

PALAVRAS-CHAVE: Pluralidade-religiosa. Diálogo. Alteridade. Fronteira.

ABSTRACT

Religious Pluralism is undoubtedly one of the hallmarks of the so-called Postmodern period. The processes of globalization and the increasing migration places peoples and cultures, coexisting in spaces closer and closer, raising heated and controversial issues. However, there is growing awareness and legitimacy regarding cultural and religious pluralism, which takes into account the different expressions of the human phenomenon, not as stigma but in view of a “reconciled diversity”. It hypothesized that it is possible to propose an interreligious theology, capable of proposing an attitude of reciprocity between different religious traditions. In order to do so, the concept of “frontier” will be taken as a hermeneutical horizon, as a space for meeting and dialogue, with the contributions of Pope Francisco, Faustino Teixeira and Peter Phan as a theoretical contribution.

KEYWORDS: Plurality-religious. Dialogue. Otherness. Border.

* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Bacharelado em Teologia (2007), Licenciatura Plena em Filosofia (2006) e Bacharelado em Filosofia (2001), todos pela Universidade Católica de Pelotas. Atualmente cursando Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: <raphael.pinto@acad.pucrs.br>.



INTRODUÇÃO

No artigo *The Theological Challenge of Religious Pluralism*, John Hick afirma: “uma nova consciência do poder espiritual e moral de outras religiões mundiais tem desafiado a tradicional pretensão de superioridade do cristianismo”¹. Ora, se num passado recente, poder-se-ia dizer que a grande maioria dos cristãos estavam nos países do Atlântico Norte hoje, o que se constata, é o oposto: o cristianismo goza de um crescimento significativo no países periféricos do hemisfério sul, especialmente na África, América Latina e Ásia; se no norte, a Pós-modernidade gerou um processo de crescente secularização da sociedade, no sul esse mesmo processo resultou em um pujante pluralismo religioso. Essa nova conjuntura geopolítica colocou os cristãos em contato com outras expressões religiosas, tão ou mais antigas que o próprio Cristianismo. Isto é, a globalização trouxe consigo uma nova amplitude, seja pelo seu caráter mais planetário, seja pelas práticas multirreligiosas e pluralistas: “(...) a pluralidade de opções religiosas tornou visível a heterogeneidade do cristianismo e também a existência de outras religiões”².

É importante compreender que, frente a essa enorme pulverização, grupos religiosos tendem a se fechar em atitudes fundamentalistas, como forma de salvaguardar sua identidade. Essa resistência é fruto da insegurança, posta por aquilo que Bauman chamou de “Sociedade Líquida”³. A vulnerabilidade das identidades revela a fragilidade dos processos entre singularidade e pluralidade, onde não mais é possível falar em sistemas fechados e rígidos, mas em fluidez que perpassa todas as esferas da sociedade.⁴

Por um lado, essa discussão traz oportunidades de intercâmbio entre distintas expressões religiosas mas, por outro, pode gerar hostilidade, segregação e intolerância. O pluralismo religioso põe em cheque as crenças e os valores estabelecidos, tornando-se em um tema altamente controverso e instigante.

Daqui, tem-se o prenúncio de algumas dificuldades: como falar em pluralismo religioso se o pressuposto da reflexão teológica é uma adesão à fé particular? O fato de reconhecer tal limitação não deve fazer da Teologia um bastião de grupos herméticos mas, ao contrário, deve colocar as grandes causas numa perspectiva mais abrangente possível.

Frente a isso, é possível vislumbrar, pelo menos, três tentativas de respostas. A primeira, que é o Exclusivismo, fortemente defendido pelo teólogo suíço Karl Barth, que rejeita outras religiões e a salvação dos não cristãos. Segundo, ele o cristianismo é a única religião verdadeira. Um segundo modelo chamado de Inclusivismo, afirma que o cristianismo é a única religião verdadeira. Contudo, essa corrente reconhece elementos de “verdade e graça em outras religiões” (AG, n.9); nela se encontram muitas das intuições fundamentais do Concílio Vaticano II. Finalmente, uma terceira, que é o pluralismo religioso, defendido especialmente por John Hick, para quem todas as religiões são verdadeiras e nenhuma superior a outra. Para Hick as religiões são equivalentes, o que minimiza a tentativa de superioridade dos Cristãos em relação as demais religiões⁵.

¹ HICK, J. *The theological challenge of religious pluralism*. p. 156.

² BARRERA, P. *Fragmentação do sagrado e Crise das tradições na Pós-Modernidade*. p. 445.

³ Para Bauman, os tempos modernos caracterizam-se pelo desmantelamento das instituições e referências, que na fala do autor, “são o derretimento dos sólidos”, que imunes ao tempo, fixavam espaço de segurança na forma de instituições garantindo um arcabouço seguro de crenças e costumes. No entanto, com a liquefação do contexto atual, a funções antes atribuídas à tradição e a autoridade, agora começam a ser questionadas, dando lugar a um ceticismo mórbido.

⁴ Sobre essa temática ler. HALL, S. *A identidade na Cultura Pós-Moderna*. p. 87.

⁵ Sobre isso ler: HICK, J. *God has many Names*.

Cabe reiterar que não é objetivo desse artigo fazer uma análise epistemológica de tais correntes, nem tão pouco apresentar seus limites e perspectivas. Ocupar-nos-emos de questões de como as diferentes expressões religiosas podem conviver e dialogar, em vista daquilo que o Papa Francisco chamou de “diversidade reconciliada” (EG, n. 230)⁶, tomando como horizonte hermenêutico o conceito de “fronteira” como espaço do encontro e de interlocução religiosa.

O DIÁLOGO COMO ELEMENTO FRONTEIRIÇO ENTRE DISTINTAS EXPRESSÕES RELIGIOSAS

A diversidade religiosa não é um fenômeno recente. Ao contrário, sempre esteve presente na história da humanidade. No cristianismo, tal fato não foi diferente; nascido em um contexto agrário palestinese, precisou incorporar a cultura helênica para tornar-se inteligível e isso não se deu sem alguns prejuízos à fé cristã: basta perceber os inúmeros embates entre correntes díspares, que foram convencionalmente chamadas de “heresias”⁷.

Mas então, o que é novo nesse processo? Pode-se afirmar que a originalidade que resulta disso é o fenômeno de urbanização, que se deu na Sociedade Ocidental, especialmente a partir do século XVII, com o advento da industrialização na Inglaterra.

Tais mudanças não deixaram incólumes a Teologia e a fé cristã. A busca por novas respostas, poderá se dar mediante um entendimento das mudanças profundas que a modernidade provocou na esfera religiosa, isto é, a capacidade de livre escolha independentemente da cultura e da tradição.

Segundo Faustino Teixeira, as novas pertenças religiosas carregam muitos aspectos a serem tomados em consideração. Essa pluralidade traz uma crescente consciência da legitimidade do pluralismo cultural, como expressão da riqueza do fenômeno humano. Trata-se, aqui de entender a fronteira como lugar do alargamento dos horizontes e possibilidades. Mas como viver numa realidade plural e plurirreligiosa sem diálogo? Para o autor, o diálogo inter-religioso torna-se um imperativo que, cada vez mais, desafia o pensamento teológico, ou como diria Peter Phan, parafraseando o Teólogo Paul Knitter, em tempos de pluralismo, é preciso “ser religioso inter-religiosamente”.

Mas o que decorre disso? Numa sociedade fragmentada, é fundamental criar espaços de mediação e de diálogo, seja ecumênico (entre distintas denominações cristãs) e inter-religioso (entre cristãos e não-cristãos).⁸ Para tanto, faz-se necessário, na cultura Ocidental, acostumada, desde Platão, à ideia do “uno”, onde a diversidade era tomada como anomalia, é preciso entendê-la, não como algo negativo, mas como possibilidade de encontrar-se com a alteridade⁹, e com aquele que é o “Totalmente Outro”, isto é o próprio Deus.

Ao se propor tal diálogo e o reconhecimento de princípios entre as religiões, não se desconsideram os conflitos e hermenêuticas inerentes a cada uma das tradições

⁶ A expressão é recorrente na reflexão ecumênica. Foi amadurecido pelo WCC. Tal expressão pode oferecer um horizonte hermenêutico aberto, e não restrito a experiência cristã, em suas tradições, mas elevada a experiência plurirreligiosa, que encontra no seu itinerário de busca pelo mistério muitos caminhos de adversidade e hostilidades.

⁷ Nessa abertura crítica ao mundo cultural greco-romano, prevaleceu o dinamismo e abertura para acolher o mundo cultural dos outros e o discernimento para saber distinguir o que pode ser assimilado da outra cultura e o que deve ser rejeitado, em nome da identidade profunda da fé cristã.

⁸ Sobre essa temática recomenda-se a leitura da Encíclica *Ecclesia Suam*, do Papa Paulo VI, especialmente os números 34-68.

⁹ A alteridade, foi um conceito muito trabalhado pelo filósofo Emmanuel Lévinas. Aqui, torna-se um elemento chave, um convite ao encontro e ao diálogo e tanto mais as tradições religiosas forem capazes de aprofundar sua abertura ao “Outro”, se encontrarão com aquilo que é mais genuíno. “O outro” é revestido de uma dignidade por isso, merecedor do verdadeiro sentido de acolhimento e hospitalidade. O diálogo requer a suspensão dos preconceitos e reciprocidade no reconhecimento múltiplo das diferenças.

religiosas, mas “aceitando, resolvendo e transformando em elo de ligação de um novo processo” (EG n. 227). Não se trata de propor tão somente a diferença pela diferença; é preciso abrir um caminho que supere a mera tolerância, para propor um encontro daquilo que congrega.

Contudo, como passo seguinte torna-se necessária, a passagem do reconhecimento do pluralismo religioso de fato, para um pluralismo de princípio, o que implica, segundo Faustino Teixeira, em reconhecer e afirmar o sentido da pluralidade das religiões como forma de manifestação do sagrado. Nessa esteira, insere-se o pensamento de Hans Küng:

O diálogo das religiões só acontece, quando a identidade de cada uma é preservada; por isso, quando se fala de diálogo inter-religioso, nessa esfera estão descartadas algumas ações comuns e legítimas das práticas religiosas, tais como proselitismo, a defesa de sua religião como única e verdadeira (apologética), onde a atitude esperada é da escuta. Conhecer a sua própria verdade e disposição para ouvir a verdade do outro são os pressupostos para começar a dialogar¹⁰.

Isso não se dá sem resistência e dificuldades por parte de alguns setores¹¹ e aqui se começa a esboçar uma segunda dificuldade em pensar o pluralismo religioso: a que se deve tanto receio em acolher a pluralidade cultural e religiosa?

Para Faustino Teixeira, a resposta está em que, assumindo tal postura, é preciso abandonar o exclusivismo militante por parte de alguns grupos, os quais buscam firmar suas identidades.

O diálogo não pode ser emitido meramente como um recurso programático mas, como um exercício que amplia a singularidade dos interlocutores. Trata-se aqui, de dar um passo a mais, não somente de analisar as intersubjetividades em questão mas, de perceber a sua força catalizadora, em busca de um bem comum, que é a paz, como propõe Hans Küng na sua obra *Projeto de Ética Mundial*: “Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões”.¹²

A proximidade possibilitará aos interlocutores, de diferentes tradições religiosas, a oportunidade de compartilhar suas crenças e doutrinas, sem contudo ter a pretensão de convencer o outro de que ele está errado. Sobre isto afirma Papa Francisco: “a verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, (...) sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos” (EG, n. 251). Dito de outra forma, o anúncio explícito será tarefa posterior, pois “o testemunho constitui proclamação silenciosa, muito valiosa e eficaz da Boa Nova” (EN, n. 21).

Para que tal processo ocorra, é necessário entender que isso não se dará tão somente porque os teólogos se colocam de comum acordo, sentados atrás de uma escrivaninha, para deliberarem sobre algumas questões doutrinárias mas, ocorrerá no diálogo a partir das experiências de vida, que encontram pontos de convergência. Quanto mais isso ocorra, tanto mais fecunda será a reflexão teológica. Ao afirmar isso, não se está se desconsiderando o papel da Teologia, ao contrário, está se dizendo que o fazer Teologia é tarefa segunda; trata-se de um processo profundamente dialético, onde a vida instiga o pensar e esse, por sua vez, problematiza a vida.

¹⁰KÜNG, H. *Religiões no Mundo*: em busca de pontos comuns. p. 15.

¹¹ Na Declaração *Dominus Iesus*, publicada no ano 2000, pela Congregação da Doutrina e da Fé, tem-se uma nítida preocupação em estabelecer a distinção entre fé teológica e crenças (DI 7) bem como a negação do pluralismo religioso de princípio.

¹²KÜNG, H. *Projeto de Ética Mundial*: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. p. 7.

AS PERIFERIAS GEOGRÁFICAS E EXISTENCIAIS: LUGAR DE ENCONTRO ENTRE AS RELIGIÕES E A HUMANIDADE

Em um mundo cada vez mais globalizado, do ponto de vista financeiro e tecnológico, as fronteiras geográficas, que serviam de limites nos Estados Nacionais modernos, tendem a se tornar voláteis, fazendo com que culturas e tradições religiosas estejam em proximidade. Isso não omite a complexidade das questões que dizem respeito às identidades. Uma das questões importantes a ser tomada em conta, é o fato de que elas podem se tornar zona fronteira de disputas de interesses individuais e comunitários. Para que isso não ocorra, é preciso salvaguardar a alteridade dos interlocutores, não ocultando as diferenças existentes mas, promovendo um diálogo, como forma de mediação e superação de atitudes totalitárias e nacionalistas.

Por fronteira, entendem-se os limites espaciais, sociais, conceituais e religiosos, que formam as identidades, criando conceitos e discursos acerca de ideias sobre a realidade. Longe de ser unívoco, esse conceito traz consigo, uma ambiguidade pois tanto pode significar “barreira” (muro) quanto “ponte”, dependendo do horizonte e da perspectiva a ser tomada.

Assumir uma atitude fronteira, segundo Papa Paulo VI, é ser capaz de questionar as estruturas injustas, “modificando pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade.” (EN, n.19). Essa fronteira traz desafios à missão e a Identidade Cristã, exigindo dela uma correta interpretação dos “sinais dos tempos”.

Em seu artigo *Intercultural and Interreligious dialogue*, o teólogo vietnamita Peter Phan aponta algumas características básicas de uma espiritualidade de fronteira: A primeira é ser presença-testemunho silencioso de vida. Trata-se de um estilo, de uma experiência de Deus, baseados na simplicidade e na compaixão; a segunda característica é assumir uma espiritualidade *kenótica* numa perspectiva trinitária, onde cada uma das três pessoas divinas participam da vida da outra, de tal forma, que na morte de Jesus na Cruz, tem-se a plenitude do amor de Deus que se auto esvazia. A terceira, é uma espiritualidade da gratuidade.

Para Peter Phan, viver em mundo multicultural e de pluralismo religioso, é antes de tudo, atravessar fronteiras que perpassam línguas, raças, culturas e religiões, mas não somente essas; é preciso ir às “periferias existenciais e geográficas”, como afirma o Papa Francisco. Para tanto, tomar-se-á, como perspectiva o Jesus histórico, enquanto “profeta marginal”¹³ e transgressor de inúmeras fronteiras, como ponto de partida para um diálogo inter-religioso.

EM JESUS UM PROFETA FRONTEIRIÇO, O LUGAR DO ENCONTRO

Entre as muitas dificuldades apresentadas nesse artigo, cabe explicitar algumas: a Teologia do pluralismo religioso não é incongruente com uma visão cristã? Não seria a Cristologia uma pedra de tropeço para o diálogo inter-religioso? Por que insistir nesse pressuposto, que já fora rejeitado por muitos estudiosos?

A questão, que nos é objeto de pesquisa, não diz respeito tanto ao debate teológico sobre a “unicidade e a universalidade de Cristo para Salvação” e sim, um olhar para ação de Jesus, que não somente atravessou espaços geográficos mas aproximou pessoas

¹³Expressão que pode ser remontada a MEIER, J.P. *Jesus um Judeu marginal*.

e culturas em conflitos. Basta observar alguns textos bíblicos¹⁴ para constatar que Jesus não estava preocupado com os limites impostos pelo aparato religioso e cultural de sua época.

É preciso colocar a questão num patamar mais abrangente. Não se trata de uma ação isolada, mas de uma “pedagogia divina”, que tem sua origem no mistério da encarnação do Verbo. Esse evento é a expressão máxima do cruzamento da fronteira, pelo qual o Deus Triuno sai de si e, num profundo gesto de amor e alteridade, “arma sua tenda” em meio a humanidade, para tornar-se peregrino com ela. No mistério da Encarnação, Jesus não somente rompeu o “muro da inimizade entre Deus e os homens” como afirma o apóstolo Paulo (humano x divino) mas, com sua morte e ressurreição, os limites entre o sagrado x profano foram ultrapassados. Dito de outra forma, o “véu do templo foi rasgado” (Mt 27, 50-51), toda a realidade foi assumida e salva por ele. Assumindo tal condição, abraçou a nossa vulnerabilidade, para nos ensinar que isso não é tão somente uma metáfora descritiva mas, uma pedagogia que integra e acolhe o diferente: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13, 34).

Solidário com os pecadores, tocando os intocáveis, Jesus anunciou o Reino de Deus sempre em lugares em que os diferentes muros se levantavam ou onde a religião sacralizava a violência e a exclusão. Perpassando diferentes cosmovisões, Jesus tornou-se um “profeta fronteiro”. Incompreendido até pelo mesmo pelos seus conterrâneos e familiares, que diziam “estar fora de si” (Mc 3, 21). Na contramão da expectativa messiânica de sua época, Jesus soube fazer dos encontros espontâneos, dos barcos de pescadores e das casas, lugares do anúncio da Boa Nova.

Nascendo e vivendo em um lugar fronteiro, criou um novo centro de irradiação, constituído pelo encontro das fronteiras de diferentes mundos. Foi na “Galileia dos gentios”, lugar da superstição aos olhos elite judaica, que Ele fez o convite aos seus para deixarem tudo e o seguirem. Em sua condição periférica ou “marginal”, assumiu as consequências da transgressão da fronteira política-religiosa-social de seu tempo, que resultou na morte violenta de cruz, fora dos muros da cidade.

Em Jesus têm-se uma transgressão que atinge o sentido escatológico da história, pois fez daquilo que, aparentemente, era fracasso e destruição, vida plena- Ressurreição.

Dito isso, qual o potencial dessa compreensão para um diálogo entre as religiões que supere a mera dualidade entre as diferentes tradições? Para adentrar a temática do pluralismo religioso é necessário colocar um terceiro elemento, “Jesus e a busca do Reino”. Tal disposição requer que se compreenda o Reino de Deus como um espaço sem fronteiras ou, ao menos, sem limites excludentes. O convite para ir “às novas Galileias”, como refere o Evangelho de Mateus “Ir aos confins da terra” (Mt 28,14) é viver e testemunhar o seu programa: “Ele me consagrou pela unção, para evangelizar os pobres e para proclamar o ano de graça do Senhor” (Lc 4 18-19). Uma sociedade reconciliada onde já não existe, como afirma Paulo na Carta aos Gálatas, “judeus ou gregos, escravos ou livres, homens e mulheres” (Ga 3,28), pois aquilo que era periférico tornou-se o centro de uma nova sociedade.

CONCLUSÃO

Frente a pulverização posta pela globalização, o que hoje se assiste, em grande escala, é a busca por salvaguardar as identidades em jogo. Isso ficou muito evidente nas eleições

¹⁴O diálogo com a samaritana (Jo 4, 1-27), a cura da filha de mulher sirio-fenícia (Mc 7, 24-30), o samaritano- leproso que volta para agradecer (Lc 17,11-19) e a cura de um servo de um centurião romano (Lc, 7-10).

nos Estados Unidos, bem como posturas políticas conservadoras no tratamento aos refugiados que chegam à Europa. Diante disso, o fundamentalismo político-econômico-religioso torna-se uma proposta atraente, em uma “sociedade líquida”.

Outro fato curioso recente diz respeito a uma publicação do dicionário Oxford, onde “Pós-verdade” foi eleita como palavra do ano em 2016. Mas, o que está em jogo em tudo isso? Trata-se de uma nova pertença, um novo modo de viver e pensar, que diferentemente do que pretendia a sociedade iluminista, colocou como centro de sua atividade o consumo em todos os níveis, o desejo e o prazer como bússolas da sociedade.

É nesse mundo fragmentado e complexo, que se insere esse artigo, em vista de um diálogo entre as diferentes tradições religiosas, não como uniformidade e, sim como “diversidade reconciliada”; não como mera tolerância mas, como um caminho, que busca atravessar as fronteiras espaciais, sociais e religiosas, em vista de uma melhor compreensão das diferenças, não como estigma, e sim como oportunidade de intercâmbio onde as identidades preservam e se enriquecem com as contribuições e com o aporte teórico que cada uma faz a outra.

Pensar o problema do pluralismo religioso requer, antes de tudo, que se crie “tempos de processo ao invés de espaços de poder”. É preciso pois, construir, superar, dialogar e crescer. Os desafios são grandes e diversos, como grande e diversa é a realidade da vida. Não há receitas, nem tampouco respostas prontas, ao contrário, muitas são as dúvidas e perguntas. Porém, é certo que o caminho proposto demonstra a amplitude e as possibilidades que o pluralismo pode trazer à Teologia.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Confiança e medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA E A FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.
- FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. Introdução ao sentido e ao método da Teologia como História. São Paulo: Paulinas, 1991.
- HALL, S. *A Identidade cultural na Pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HICK, John. *The theological challenge of religious pluralism*. In: HICK, John and
- HEBBLETHWAITE, Brian (Ed.). *Christianity and other religions: selected readings*. Rev. Ed. Oxford: Oneworld, 2001. p. 156-171.
- _____. *God has many Names*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1982.
- KÜNG, H. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. *Religiões no Mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: Versus, 2004.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal: Repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- PHAN, Peter. *Multiple Religious Belonging: opportunities and challenges for Theology and Church*. Disponível em: <http://jonathantan.org/handouts/Xtianity/Phan_multiple.pdf>. Acessado em: 12 nov.16.

_____. *Intercultural and Interreligious dialogue*. Disponível em: <<http://www.ofm.org/capgen06/relatio/04phanen.doc>> Acessado em: 10 nov. 16.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

_____. *Ecclesiam Suam*. São Paulo: Paulinas, 1964.

TEIXEIRA, Faustino. *A Teologia do Pluralismo religioso na América Latina*. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/teologia-do-pluralismo-religioso-na.html>>. Acessado em 10/10/12.

_____. *O desafio do Pluralismo religioso para a Teologia latino-americana*. Disponível em: <www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/96.doc>. Acessado em: 10 out. 12.

_____. *O imprescindível desafio da diferença religiosa*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n38/a11v20n38.pdf>>. Acessado em: 09 nov. 16.

Recebido em: 23/08/2017

Aprovado em: 29/11/2017

Correspondência para:

Raphael Colvara Pinto
Rua General Bacelar, s/nº – Centro
96200-370 Rio Grande, RS, Brasil